

CREDORES

August Strindberg

Tradução/Adaptação: **Mark Ganzert**

21 09.

Personagens:

GUSTAVO

ADOLFO

TEKLA

CENA 1

ADOLFO Devo tudo isso a você.

GUSTAVO Que exagero!

ADOLFO : Mas é claro! Nos primeiros dias, depois que a minha mulher foi embora, eu fiquei estendido nesse sofá, sem forças, sem vontade de me mexer. Foi como se ela tivesse levado junto com ela as minhas muletas. Uns dias depois, eu comecei a me sentir melhor, fui pouco a pouco recobrando as forças. Os pesadelos que me atormentavam foram sumindo de meu sono. Minha mente se acalmou e voltou a funcionar como antes. E um desejo que às vezes eu sentia, voltou também: o desejo de criar, de dar vida à matéria sem forma... e foi então que você apareceu.

GUSTAVO Eu cheguei até a sentir pena de você, quando eu te encontrei, confesso. Você tinha dificuldades pra andar, sempre apoiado em suas muletas, e parecia que você tinha voltado do inferno... Mas isso não prova que fui eu quem te curei. Simplesmente você precisava descansar, e ter a companhia de um amigo com quem você pudesse conversar.

ADOLFO é... você tem razão, como sempre. Antes de me casar, eu tinha amigos; depois eu achei que podia viver sem eles. Pra mim, bastava a companhia daquela que eu tinha escolhido pra ser minha mulher. Conheci muitas coisas novas, com certeza, mas a minha mulher, ciumenta como era, exigia minha total dedicação a ela. E o que foi pior, que os nossos amigos fossem os amigos dela. E foi por isso que eu fiquei sozinho. Sozinho, eu e meu ciúme.

GUSTAVO mas você já tinha essa tendência... você sabe

ADOLFO eu tinha medo de perder minha mulher, e evitar essa desgraça. É assim tão estranho? Mas nunca me preocupei que ela me traísse.

GUSTAVO: Nenhum marido tem essa preocupação.

ADOLFO: É curioso, né? Eu só tinha medo que a influência que nossos amigos pudessem ter sobre ela, e indiretamente sobre mim. Eu não podia suportar essa idéia.

GUSTAVO: Quer dizer que você e sua mulher não tinham os mesmos pontos de vista... não é assim?

ADOLFO: Depois do que eu te disse, não tem por que você não saiba de tudo. Minha mulher tem um espírito muito independente. *(Gustavo ri) Porque você tá rindo?*

GUSTAVO: Continue... ela tem um espírito independente, e...

ADOLFO: Ela nunca aceitou nada de mim...nada...

GUSTAVO: E dos outros?

ADOLFO: *(após uma pausa)* dos outros... sim, sempre tive a impressão de que ela detestava as minhas idéias, mas só porque eram minhas, não que ela não concordasse com elas. As vezes ela esquecia que eram minhas, e depois de ter recusado, ela as aceitava e as defendia de mim...outras vezes ela elogiava as idéias que eu dei, mesmo sem saber que elas tinham partido de mim... tudo pra ela era certo, desde que não viesse de mim...

GUSTAVO: Em outras palavras, você não era completamente feliz.

ADOLFO: Você ta enganado! Eu sou um homem feliz! Tenho a mulher que eu sempre quis e não quero ter outra.

GUSTAVO: E você nunca quis ser livre?

ADOLFO: De verdade? Nunca. Bem, uma vez ou outra eu pensei que, se eu fosse livre, eu podia descansar. Mas assim que ela saía de perto de mim, eu sentia muito a falta dela, como se eu tivesse perdido os braços e as pernas... e eu só queria que ela voltasse. É estranho, mas quando eu estou sozinho, eu tenho a impressão de que ela não existe fora de mim, que ela é parte integrante de mim, entende? Como se fosse um pedaço do meu corpo, que absorveu toda a minha vontade, a minha alegria de viver. Ela é a essência do meu ser, entende?

GUSTAVO: Talvez você tenha razão. Talvez seja assim mesmo.

ADOLFO: Mas é um absurdo! Não faz sentido. Ela é uma criatura independente, com idéias próprias. E quando eu a conheci, ela era apenas uma criança, com dotes artísticos que desenvolveu e educou.

GUSTAVO: Mas depois você também educou, melhorou suas idéias, não é verdade?

ADOLFO: Não... ela ficou igualzinha ao que era antes. Eu é que me transformei.

GUSTAVO: Bom, é certo que depois do primeiro livro, o seu talento literário começou a diminuir. (*senta-se no sofá, ao lado de Adolfo*). Eu ouvi dizer que a personagem principal do romance dela era um espelho do primeiro marido... você o conheceu? Devia ser um imbecil!

ADOLFO: Nunca vi, mas pela descrição que ela faz, devia ser mesmo um imbecil. Eu tenho certeza que a descrição que ela fez era exata.

GUSTAVO: Pois é. Mas então, porque ela se casou com ele?

ADOLFO: Porque ela não o conhecia bem. Só depois do casamento é que as pessoas se conhecem de verdade.

GUSTAVO: É, você tem razão. As pessoas deviam mesmo se casar... depois. Esse homem era um tirano, com certeza. Aliás, como todos os maridos. (uma pausa, e depois, em tom casual) Como você, não é verdade?

ADOLFO: Eu? Um tirano? Eu, que deixo minha mulher ir e vir à vontade!

GUSTAVO: (*levantando-se*) E o que isso prova? Você não tinha que trancá-la em casa, com certeza! (*debruçando-se sobre ele*) Mas você não se importa que ela passe noites fora de casa?

ADOLFO: Não, claro que não!

GUSTAVO: Viu só... (em outro tom) pra te falar a verdade, acho você um ridículo.

ADOLFO: Porque? Por confiar na minha mulher?

GUSTAVO: Exato. Não tem nada que deixe um homem mais ridículo.

ADOLFO: (*exaltando-se*) Não, tudo menos isso! Você vai ver, daqui em diante...

GUSTAVO: (*interrompendo-o*) Não fique nervoso...olha os ataques...

ADOLFO: (*depois de uma pausa*) Mas porque é que ela não parece ridícula quando eu passo a noite fora de casa?

GUSTAVO: Porque é assim mesmo. E enquanto você fica procurando as razões, as coisas acontecem!

ADOLFO: Que coisas?

GUSTAVO: O primeiro marido da tua mulher era um tirano, e ela casou com ele apenas pra poder ser livre. As mulheres só conseguem a liberdade quando arranjam um marido que lhes sirva de pretexto.

ADOLFO: É verdade...

GUSTAVO: E agora, o pretexto é você.

ADOLFO: Eu?

GUSTAVO: Você não é o marido dela? (*Adolfo toma um ar absorto*). Você não acha que eu tenho razão?

ADOLFO: Não sei.. (pausa) um homem vive ao lado de uma mulher durante anos e anos sem uma dúvida sequer, e, de repente, ele começa a pensar... e não para mais. Você é meu amigo, Gustavo, o meu único amigo. Durante todos esses oito dias, você conseguiu ter de volta a coragem de viver: você foi como um relojoeiro, que colocou ordem em meu espírito... deu corda e fez com que ele trabalhasse de novo. Você pode perceber que o meu pensamento ficou mais claro, minhas palavras estão mais exatas... dá até pra dizer que a minha voz tem o mesmo timbre de antes...

GUSTAVO: Talvez sim... como isso aconteceu?

ADOLFO: Bom, a gente tem que falar baixo com as mulheres, e acaba se acostumando a isso. A minha sempre reclama que eu falo muito alto.

GUSTAVO: E claro, você obedece... abaixando o tom.

ADOLFO: Não diga isso! (*depois de pensar um instante*) É pior ainda... (*reagindo*). Vamos esquecer esse assunto. O que eu estava dizendo? Ah, pois é, você apareceu aqui faz uma semana, e sem querer, abriu meus olhos para os mistérios da minha arte. Claro que meu interesse pela pintura tinha diminuído faz algum tempo...ela não era mais o jeito ideal de expressar o que eu tinha pra dizer. Só que, depois que você me explicou o porquê desse desinteresse, os motivos da pintura não me satisfazer mais as minhas necessidades artísticas, tudo ficou muito claro pra mim. Então eu entendi que nunca mais poderia pintar de novo com um sentimento criador...

GUSTAVO: E você tem certeza de que nunca mais vai pintar?

ADOLFO: Certeza absoluta! Até porque eu já tentei. Nessa noite, depois da nossa conversa, eu recapitulei tudo, ponto a ponto... e percebi que você tinha razão. No dia seguinte, depois de uma noite bem dormida, acordei com uma idéia

que não parava de me incomodar: e se você estivesse errado? Levantei, peguei os pincéis e as tintas, mas nada... a minha pintura não passava de uns rabiscos coloridos, e eu me admirei de ter acreditado e ter feito que outros acreditassem que aquela tela pintada pudesse significar alguma coisa. Eu já não me iludia mais, era impossível voltar a pintar. Impossível como voltar no tempo, ter dez anos de novo...

GUSTAVO: Você se convenceu de que as "aspirações efetivas do nosso tempo, e a exigência de uma realidade tangível, só se podem exprimir pelas três dimensões da escultura...

ADOLFO: (hesitante) Sim, as três dimensões..., o corpo, em suma.

GUSTAVO: E você resolveu se dedicar à escultura, né? Se bem que você já se sentia atraído por ela... só te faltava alguém que te mostrasse o verdadeiro caminho... me diga, você finalmente reencontrou o prazer de criar de novo?

ADOLFO: Sim, e graças a você hoje eu vivo de novo!

GUSTAVO: No que você está trabalhando nesse momento? Posso ver?

ADOLFO: (descobrendo a escultura) um busto de mulher. Sem modelo.

GUSTAVO: Sem modelo? Bom, apesar de tudo, é de um realismo...

ADOLFO: (abatido) sim, mas se parece com uma certa mulher. É incrível como ela vive em mim e eu vivo nela!

GUSTAVO: Bom, que você vive nela não tem nada de incrível. Você sabe o que é uma transfusão?

ADOLFO: Sei sim.

GUSTAVO: Pois no teu caso, parece que a transfusão foi muito grande! Quando eu olho pra essa escultura, eu entendo algumas coisas que, até hoje, eu só suspeitava. Você amou muito essa mulher.

ADOLFO: Sim, eu amei ao ponto de não saber mais qual de nós dois existe realmente, onde eu acabo e onde ela começa. Eu rio quando ela ri, eu choro quando ela chora... e por mais estranho que possa ser, a verdade é que eu cheguei até a sentir as dores do próprio parto!

GUSTAVO: Coitadinho! É difícil de dizer isso, mas parece que você está apresentando já os primeiros sintomas de epilepsia.

ADOLFO: (transtornado) Eu? Porque você diz isso?

GUSTAVO: Porque eu já vi esses sintomas antes, em meu irmão mais novo... devido aos excessos amorosos que ele cometia.

ADOLFO: Como... como eram? *(Gustavo gesticula energicamente. Adolfo observa com atenção e imita esses gestos involuntariamente)*

GUSTAVO: Era horrível! Mas eu não quero me incomodar com uma descrição minuciosa, porque eu não sei se você é capaz de suportar...

ADOLFO: (angustiado) Sou capaz sim! Por favor, me fale!

GUSTAVO: Bem... ele casou com uma mulherzinha de ar inocente, cabelos encaracolados, rosto infantil, alma pura e angélica... (há nas suas palavras uma pequena ironia...) Ta me ouvindo?

ADOLFO: To sim, continue, continue...

GUSTAVO: Pois é, apesar disso, ela soube se apossar, inocentemente, é claro! – dos privilégios do marido.

ADOLFO: Que privilégios?

GUSTAVO: Eu me refiro à iniciativa, evidentemente. Tudo aconteceu de tal modo que rapidinho o marido foi pro céu. Mas o pior é que, antes disso, ela o crucificou, fazendo com que ele sentisse os pregos cravados na carne. Acredite, era horrroso.

ADOLFO: (ofegante) Horrroso em que sentido?

GUSTAVO: Por vezes estávamos conversando, igual a gente, agora. De repente, ele ficava pálido, os braços e as pernas ficavam imóveis, os dedos se enterravam na palma das mãos... assim (exemplificando, com gestos, e Adolfo imitando). Depois os olhos se inchavam de sangue e começava a bater os dentes, assim. A saliva fazia um som rouco na garganta, o peito se contraía apertado, as pálpebras piscavam sem parar... da sua boca começava a sair espuma, e ele caía pra trás, na cadeira, como se estivesse se afogando. Depois...

ADOLFO: (murmurando) pare! Não diga mais nada...

GUSTAVO: Depois... você ta bem?

ADOLFO: Não, não to.

GUSTAVO: (dando um copo de água) Tome. Bom, agora vamos falar de outras coisas.

ADOLFO: Obrigado (aliviado), mas não vale a pena. Pode continuar.

GUSTAVO: Bom... quando ele voltava a si, não se lembrava de nada, ele tinha perdido completamente a consciência. Já aconteceu isso com você alguma vez?

ADOLFO: Já tive umas vertigens, mas o médico disse que era anemia.

GUSTAVO: Viu só! É o começo. Acredite, se você não se cuidar, uma crise mais grave vem, rapidinho.

ADOLFO: O que você me aconselha, então?

GUSTAVO: Pra começar, uma abstinência total...

ADOLFO: Durante quanto tempo?

GUSTAVO: Pelo menos seis meses...

ADOLFO: Mas isso é impossível! Vai destruir nossa vida conjugal!

GUSTAVO: Então, você está condenado.

ADOLFO: (cobre a estatueta com um pano) não posso fazer uma coisa dessas...

GUSTAVO: Você não pode salvar sua própria vida? Mas, me diga, já que você confia tanto em mim, não tem mais nada que te incomoda? Outra ferida, que você não tenha me contado? Não é possível que exista um motivo só de descontentamento, uma vez que nossa vida é tão diversa, tão fértil em erros e desencontros... será que você não tem algo em sua consciência, que não está escondendo de você mesmo? Você disse, eu me lembro, que vocês tinham um filho, e que o deram para que estranhos cuidassem. Porque você não ficou com ele?

ADOLFO: Foi a minha mulher que quis assim.

GUSTAVO: Mas porquê? Vamos, pode falar, não tenha medo.

ADOLFO: Porque, quando ele tinha três anos, ela achou que ele estava ficando parecido com o primeiro marido.

GUSTAVO: Ah, sim... você o conheceu?

ADOLFO: Não, já te disse. Vi apenas uma foto, péssima, por sinal... mas não vi nenhuma semelhança com o meu filho.

GUSTAVO: Isso não quer dizer nada. Bom, você sabe que os retratos não são fiéis, e as pessoas mudam muito. Mas você não suspeitou de nada?

ADOLFO: Nada... a criança nasceu um ano após o nosso casamento, e o marido estava viajando quando eu conheci Tekla, bem aqui, nesse hotel. Alias, é por isso mesmo que a gente vem pra cá nas férias de verão.

GUSTAVO: É verdade, você não tinha razão nenhuma pra desconfiar dela. De resto, essas semelhanças entre os filhos de uma mulher casada pela segunda vez e o primeiro marido são mais comuns do que parecem. É bem desagradável, claro, e é por isso que na Índia, o corpo da viúva é queimado junto com o do marido. Mas, você nunca teve ciúmes das lembranças que ele deixou? Se você fosse dar um passeio com Tekla e o encontrasse na rua, você queria que ele te falasse do seu passado comum?

ADOLFO: É... bem... confesso que algumas vezes essa idéia me preocupou.

GUSTAVO: Viu só! E você vai continuar a se preocupar. É que na vida existem feridas que nunca chegam a sarar. Por isso, não perca seu tempo e trabalhe, trabalhe e trabalhe. Quando você ficar mais velho, suas idéias vão evoluir, você vai ter novos pensamentos que vão substituir os atuais...e mais tarde, na verdade bem mais tarde, o morto vai deixar de te incomodar.

ADOLFO: Desculpe te interromper, mas, quando você fala, você parece muito com a Tekla... isso é muito estranho. O mesmo jeito de fechar o olho direito, meio que fazendo pontaria, o mesmo poder do olhar...

GUSTAVO: Sério?

ADOLFO: Mesmo essa maneira de dizer "sério?", nesse tom indiferente... parece que estou ouvindo ela...

GUSTAVO: Talvez sejamos primos... afinal, pertencemos todos à mesma família. Gostaria de conhecer essa mulher, pra ver se existe essa semelhança que você tanto diz. Que horas ela chega?

ADOLFO: Daqui a pouco.

GUSTAVO: (Olhando o relógio) no barco (ônibus) das cinco, eu suponho.

ADOLFO: Ela tem uma personalidade muito marcante, você vai ver. Você acha que ela usa alguma expressão minha? Nunca! Ela sempre evita usar as mesmas palavras e gestos que eu. E pensar que normalmente o marido e a mulher acabam se parecendo um com o outro...

GUSTAVO: (friamente) vou te dizer uma coisa: essa mulher nunca te amou.

ADOLFO: O quê?

GUSTAVO: Me custa muito te dizer isso, mas para uma mulher, amar significa receber, assimilar, e por isso ela nunca pode amar um homem de quem ela nada recebeu. E ela nunca te amou.

ADOLFO: Você não acha que ela seja capaz de amar duas vezes?

GUSTAVO: Não. A gente só se deixa enganar uma vez. Depois a gente abre os olhos. Você nunca foi enganado, mas desconfia

[M G1] Comentário: Substitui BARCO por ônibus

dos que foram: esses são perigosos.

ADOLFO:

As tuas palavras são como lâminas: cortam qualquer coisa dentro de mim, sem que eu possa impedir. Mas esses teus golpes me fazem bem, até... são feridas que começam a se fechar, e que jamais se fecham sozinhas. Você diz que ela nunca me amou, mas por que é que ela se interessou por mim?

GUSTAVO:

Você tem certeza de que foi ela mesmo que se interessou por você?

ADOLFO:

Credo, que pergunta! Com certeza as coisas não aconteceram assim, de repente, com essa facilidade...

GUSTAVO:

Se você quiser, eu te digo como tudo aconteceu.

ADOLFO:

Não acredito em você.

GUSTAVO:

Ah... com tudo aquilo que você me contou, não vai ser difícil reconstituir os acontecimentos... escute bem (num tom calmo, quase monótono). O marido andava por fora, em viagem de estudos. Ela começou a achar que a liberdade que ela estava tendo era boa, mas depois de quinze dias tudo começou a ficar meio vazio. Foi então que você apareceu, e a tua presença preencheu aos poucos esse vazio que havia nela. E quando ela estabeleceu a comparação entre os dois, o marido que estava fora estava irreconhecível, simplesmente porque ele estava longe. É aquela velha história, sabe, né? As distâncias...mas quando vocês sentiram que entre vocês o amor estava surgindo, vocês tiveram medo: medo um do outro, medo de vocês mesmos! Então, vocês procuraram um esconderijo, e escondido entre a folhagem das vinhas, vocês brincaram de irmãos... e quanto mais o vosso amor se materializava e se tornava sensual, mais vocês se esforçavam pra dar a ele um ar platônico.

ADOLFO:

Brincamos de irmãos? Como é que você sabe?

GUSTAVO:

Eu adivinhei! As crianças adoram imitar os pais e as mães, mas quando crescem, passam a imitar os irmãos, pra esconder o que não querem que alguém saiba. Elas fazem votos de castidade, mas brincam escondido, e se encontram num lugar escuro, longe dos olhos dos outros. (um pouco severo). Mas bem lá no fundo, vocês tem a impressão de que, apesar de todos os esforços, alguém esta observando vocês no escuro. E vocês tem medo, e justamente por causa do medo, a figura do ausente fica perseguindo, como um fantasma que vai crescendo, crescendo... e se transforma num monstro que perturba seu sono de amor... como se fosse um credor, que um dia bate na sua porta para exigir o pagamento da dívida.. (com a mão bate lentamente 3 vezes no tampo da mesa). Sua mão toca a deles, e sua voz hostil se escuta no silencio da noite, abafando o barulho de seus corações batendo. Com certeza nada os impede de se entregar um ao outro, mas também não se permitem ser felizes. E quando eles sentem essa presença invisível, tentam fugir, mas é em vão, porque não conseguem se libertar do fantasma que os persegue, da dívida que contraíram, da acusação que pesa sobre eles. No fim, sem agüentar por muito mais tempo esse peso, precisam buscar um bode expiatório e matá-lo. Então, imaginaram que estavam livres, mas não têm a coragem de dizer um ao outro que se amam... resumindo, são uns covardes, e por isso precisam matar essa criatura que, lá no fundo, os tiraniza e maltrata... não é assim?

ADOLFO:

É... mas você tá se esquecendo que ela me guiou, me inspirou, me deu novas idéias...

GUSTAVO:

Não, não esqueci, não. Mas porque será que ela não foi capaz de orientar o primeiro marido, fazer com que ele fosse um espírito livre?

ADOLFO:

Você sabe que era um imbecil.

GUSTAVO:

Sim, com certeza era um imbecil. Mas é uma noção muito vaga... e no romance que ela escreveu, a imbecilidade do marido se resume em não compreender a mulher, e ponto final. e agora te pergunto: será que a sua mulher é tão inteligente assim mesmo? Eu não encontrei nada de tão profundo nas coisas que eu li dela...

ADOLFO:

Claro que não! Mas eu tenho que te dizer que eu não entendo as idéias dela muito bem. Eu tenho a impressão de que os nossos "santos não se batem", sabe como? Como se tivesse alguma peça quebrasse dentro da minha cabeça toda vez que eu tento descobrir o que ela pensa.

GUSTAVO:

Talvez você seja um idiota também, como o primeiro...

ADOLFO:

Não, acho que não. E a maior parte das vezes eu acho que a culpa é dela. Quer ver só? Leia essa carta que eu recebi hoje (entrega a carta)

GUSTAVO:

(olhando de relance) Essa letra não me é estranha...

ADOLFO:

Parece letra de homem, não é verdade?

GUSTAVO:

Bom, eu conheci um homem que tinha uma letra igual. (lendo). Ela te chama de irmão. Vocês continuam então a brincar atrás das folhas de vinha, agora que estão murchas? Vocês não tem intimidade?

ADOLFO:

Não, claro que não! Isso seria perder o respeito.

GUSTAVO: Ah, então é pra impor respeito que você diz q ela é sua irmã?

ADOLFO: Quero respeitar Tekla mais que respeitar a mim mesmo. Quero que ela seja o melhor que existe em mim.

GUSTAVO: É você que deve ser o melhor de você mesmo...mesmo que isso pareça muito mais difícil que viver em função dela. Ou será que você prefere mesmo ser inferior a ela?

ADOLFO: É justamente isso que eu mais desejo. Tenho um certo prazer em me sentir um pouco abaixo dela. Por exemplo, fui eu que ensinei ela a nadar, e agora eu fico feliz que ela tenha mais habilidades e seja mais ousada do que eu. No começo eu ficava fingindo que estava com medo, que estava desajeitado... mas um dia, nem sei como, descobri que eu era bem menos corajoso do que ela... é como se ela tivesse se apropriado da minha coragem...

GUSTAVO: E você não ensinou mais nada a ela?

ADOLFO: Sim... bem, mas isso fica entre nós, ta? Eu ensinei Tekla a escrever bem, porque ela escrevia com muitos erros. A partir de então, ela se encarregou de toda a nossa correspondência, e eu parei de escrever. Claro, com essa falta de prática, acabei esquecendo um pouco da gramática. E você acha que ela se lembra que *EU* a ensinei? Imagine só... hoje o idiota e ignorante sou eu!

GUSTAVO: Nossa, ela te chama de idiota?

ADOLFO: De brincadeira, né?

GUSTAVO: Mas isso é um canibalismo puro! Você não sabia que os índios selvagens devoram seus inimigos pra que possam adquirir as melhores qualidades? Essa mulher comeu sua alma, a sua coragem, a sua inteligência...

ADOLFO: E a própria confiança! Fui eu que disse a ela pra escrever o primeiro livro.

GUSTAVO: (em ar sarcástico) Não diga...

ADOLFO: Eu a elogiei tanto... mesmo quando achava uma porcaria. Eu levei ela aos círculos literários, deixei os críticos longe do trabalho dela... dei a ela cada vez mais confiança nela mesma, e durante todo o tempo que eu pude eu fiz o que pude e o que não pude. Sabe como é, né... e quando as minhas vitórias cobriam as vitórias dela, eu encorajava Tekla, eu rebaixava a minha arte e exaltava a dela.... quantas vezes eu disse que a pintura era insignificante no meio artístico... tanto argumentei com ela que eu mesmo me convencia da mentira.

GUSTAVO: Bom, agora há pouco você disse que ela nunca recebeu nada de você...

ADOLFO: É verdade... hoje não tenho mais nada pra dar. Quem sabe ela até tirou algo mais de mim, sem que eu percebesse...

GUSTAVO: Pode ter certeza disso! Isso se chama roubar...

ADOLFO: Talvez seja... ela não me deu mesmo nada em troca.

GUSTAVO: Foi você que deu tudo pra ela, não tenha dúvida. Mas você teve que convencer você mesmo do contrário. Você consegue me dizer o que ela fez por você?

ADOLFO: (hesitando) bem... é...

GUSTAVO: Então?

ADOLFO: Hmmm, olha só... eu...

GUSTAVO: Estamos falando dela

ADOLFO: Ah, eu não me lembro de nada agora...

GUSTAVO: Viu só!

ADOLFO: Ela me fez perder tudo o que eu acreditava, e eu andava meio perdido, até que eu te encontrei e você me deu uma nova esperança.

GUSTAVO: (rindo)A escultura?

ADOLFO: (hesitando) sim...

GUSTAVO: Mas então você acredita que essa arte abstrata, velha, caduca igual o mundo, pode agir sobre a sensibilidade realista do homem de hoje em dia, criando ilusão usando a forma pura, sem cores... inclusive sem cores? Você acredita nisso?

ADOLFO: (quase sem voz) não!

GUSTAVO: Ah bom... eu também não acredito...

ADOLFO: Então, porque você me disse o contrário?

GUSTAVO: Eu tava com pena de você

ADOLFO: É, eu mereço mesmo que as pessoas tenham pena de mim. Isso é o fim, é o fim! E o pior que eu nem soube conservar a minha mulher...

GUSTAVO: Conservar a sua mulher? Pra quê?

ADOLFO: Pra que ela fosse pra mim o que Deus era antes de eu ter deixado de acreditar nele...o objeto que eu precisava adorar...

GUSTAVO: Você acha que você não precisa dela. As vezes, o desprezo é a melhor saída...

ADOLFO: A vida, sem nada pra respeitar, não vale a pena

GUSTAVO: Você é um escravo!

ADOLFO: Não posso viver sem respeitar uma mulher, sem cultuar uma forma feminina...

GUSTAVO: Nesse caso, o melhor é você voltar a cultuar Deus – já que você não pode ficar sem fazer o sinal da cruz... que ateu é você, que fica cultuando uma mulher? Um pensador que não consegue pensar livremente? Você sabe o que tem de tão misterioso na sua mulher? A estupidez, única estupidez! Tem algo nela que não funciona muito bem, como um relógio caríssimo, mas que no fundo não passa de um relógio qualquer, muito ordinário. O que engana nela é a aparência de mulher. Mas, se você colocar nela uma calça, um bigode postiço, e deixar que ela fale à vontade, você não vai reconhecer, nunca! Um papagaio, repetindo as tuas palavras e as palavras dos outros, sem mesmo ter entendido nada! O que é uma mulher nua? Um adolescente que tem seios, um quase-homem, uma criança que cresceu rápido, um ser completamente anêmico, que perde sangue algumas vezes ao ano... você não pode esperar nada de uma coisa dessas!

ADOLFO: Se é assim mesmo, como que você explica que eu a considere igual a mim?

GUSTAVO: Pura alucinação! É apenas o fascínio da saia! A não ser que... de repente, vocês tenham se tornado iguais. Ela pode ter absorvido, por osmose, tudo o que você tinha a mais do que ela... mas veja bem (olhando as horas): estamos conversando há um tempão, e ela deve estar chegando a qualquer momento! O que acha de descansar um pouco? (agarrando-lhe a mão) Não! Não me deixe sozinho. Tenho medo!

ADOLFO: Ela não vai demorar.

GUSTAVO: É estranho... tenho muita vontade de vê-la novamente, mas tenho medo dela ao mesmo tempo. Ela me dá carinho, se mostra amável, mas os beijos dela quase me sufocam. Eu me sinto fraco, humilhado...

GUSTAVO: Meu amigo... coitadinho de você... mesmo que eu não seja médico, eu acho que você está com o pé na cova... aliás, basta ver seus últimos quadros...

ADOLFO: Porque você diz isso?

GUSTAVO: Em suas pinturas predomina um azul pálido, anêmico, sem consistência... um amarelo desmaiado, que me lembra teu rosto sem cor.

ADOLFO: Cala a boca!

GUSTAVO: E não sou só eu que digo isso... você já leu o jornal de hoje?

ADOLFO: (inquieta) ainda não.

GUSTAVO: Esta ali, em cima da mesa

ADOLFO: (indo pegar o jornal, mas sem coragem) Eles dizem isso no jornal?

GUSTAVO: Vai ler ou quer que eu leia?

ADOLFO: Não.

GUSTAVO: Se você quiser eu posso ir embora.

ADOLFO: Não, não... por favor, fique. Não sei, mas... acho que to começando a odiar você, mas não consigo deixar que você vá embora. Você me tirou do abismo em que eu caí, mas quando eu estou em cima, você me empurra, e eu volto a cair...enquanto eu não contei esses meus segredos pra ninguém, eu não me sentia tão vazio como agora. Você conhece aquele quadro, do mestre italiano, que mostra o suplício do santo que estão arrancando as tripas com uma faca? O desgraçado vai emagrecendo à medida que os intestinos vão caindo... pois eu tenho a impressão que você engordou, depois de ter me arrancado tudo... e quando você for embora, vai levar com você as minhas entranhas, deixando apenas uma casca vazia...

GUSTAVO: Nossa, que imaginação! Mas, pra compensar, quando ela chegar, ela vai te trazer o coração.

ADOLFO: Não, agora que você já acabou com ela com teus sarcasmos, ela não pode me trazer mais nada. Você detonou com tudo, minha arte, o amor, a esperança, a fé...

GUSTAVO: Aí que você se engana.. tudo já estava destruído antes de eu chegar...

ADOLFO: Mas não estava tudo tão estragado assim. Depois de ter provocado o incêndio, agora é tarde demais. Seu assassino!

GUSTAVO: Você pode semear nas cinzas...

ADOLFO: Te odeio! Maldito! Quem me dera se eu não tivesse te conhecido, nunca.

GUSTAVO: Ainda bem que você diz isso, é um sinal de que você ainda tem forças... assim é mais fácil te tirar do abismo. Adolfo, você está disposto a me ouvir e a me obedecer?

ADOLFO: Faça de mim o que você quiser. Eu vou obedecer.

GUSTAVO: (se levanta) olhe bem pra mim.

ADOLFO: (olhando para Gustavo) ah, esse seu olhar estranho... me fascina.

GUSTAVO: Agora, preste atenção

ADOLFO: Ta, tudo bem, mas prefiro que você fale de suas coisas, não diga mais nada a meu respeito... não consigo mais te ouvir...

GUSTAVO: De mim não há muito o que dizer... sou viúvo e professor de línguas clássicas, e mais nada... agora segure a minha mão.

ADOLFO: Nossa, que força! É como se eu colocasse a mão numa tomada.

GUSTAVO: E olha que eu já fui tão fraco quanto você... (mandando) Levante!

ADOLFO: (se levanta e Gustavo o arrasta)... me sinto como se fosse uma criança sem ossos, com o cérebro vazio...

GUSTAVO: Caminhe um pouco na minha frente...

ADOLFO: Não posso..

GUSTAVO: Anda, se não eu te bato.

ADOLFO: (irritando-se) o que foi que você disse?

GUSTAVO: Exatamente o que você ouviu. Se você não andar, eu te bato.

ADOLFO: (furioso, recuando) Ah, mas isso é demais!

GUSTAVO: Magnífico! Parabéns! O sangue subiu à sua cabeça, e o teu amor próprio ressuscitou! Agora vou te dar um choque, onde está tua mulher?

ADOLFO: Onde está minha mulher?

GUSTAVO: Sim, onde está a tua mulher?

ADOLFO: Está...está...numa reunião.

GUSTAVO: Que tipo de reunião?

ADOLFO: Hmmm... uma reunião beneficente.

GUSTAVO: Tem certeza?

ADOLFO: Absoluta!

GUSTAVO: Vocês se despediram amigavelmente?

ADOLFO: (hesitando) n...n....não...

GUSTAVO: Então vocês brigaram? O que foi que você disse que deixou ela tão irritada?

ADOLFO: Você me assusta! Como que você adivinhou?

GUSTAVO: É muito simples: tendo três grandezas, é fácil calcular a incógnita. O que foi que você disse?

ADOLFO: Eu disse... só duas palavras.. duas palavras horríveis, das quais eu estou muito arrependido.

GUSTAVO: Não existe mais espaço pra arrependimentos. Vamos, me diga.

ADOLFO: Eu chamei ela de... velha gaiteira.

GUSTAVO: Que mais?

ADOLFO: Mais nada.

GUSTAVO: Você ta mentindo. Você disse algo mais, mas você não quer lembrar. Vamos, fale!

ADOLFO: Não me lembro.

GUSTAVO: Pois eu sei o que você disse. Você disse que ela devia ter vergonha das coisas que fazia, porque com a idade que ela tem, nenhum homem ia querer ter ela nem como amante...

ADOLFO: Eu disse isso? Sim, acho que sim... mas como que você sabe?

GUSTAVO: Quando eu estava vindo pra cá, ou ouvi ela contando essa história no barco.

ADOLFO: Pra quem?

GUSTAVO: Pra uns rapazes que a acompanhavam. Olha só, ela já tem uma queda pelos jovens, como...

ADOLFO: Mas que mal tem nisso?

GUSTAVO: Tanto mal como o de se fazer de irmão e de irmã, quando na verdade se é marido e mulher.

ADOLFO: Então você a viu?

GUSTAVO: vi. mas você é que nunca a viu como ela realmente é quando não está com você. É por isso que um homem nunca pode conhecer bem a sua mulher, entende? Você tem aí alguma foto dela? (Adolfo tira uma foto da carteira)

ADOLFO: Tenho sim, aqui.

GUSTAVO: Você estava junto quando tiraram essa foto?

ADOLFO: Não.

GUSTAVO: Então, presta atenção. Essa foto não se parece nada com o retrato que você me fez dela. Os traços são os mesmos, mas a expressão é outra. Simplesmente você não repara nisso, porque a imagem que você leva dela te impede de ver como ela realmente é. Mas olhe pra essa fotografia como um pintor, sem pensar no original. Você vai ver apenas uma "cocote" em busca de aventuras. Repare nessa covinha cínica no canto da boca, que, com certeza você nunca reparou antes. Você não ta enxergando que o olhar dela procura um homem, um homem que não é você? Você não vê o decote do vestido, o penteado, a manga arregaçada... não vê?

ADOLFO: Sim, agora consigo enxergar isso

GUSTAVO: Tome cuidado, meu caro.

ADOLFO: Cuidado? Com o quê?

GUSTAVO: (devolvendo a foto) com a vingança. Não se esqueça de que, quando você disse que ela já não consegue seduzir um homem mais, você a ofendeu profundamente...se você tivesse dito que ela tinha perdido seu talento, ela riria de você, do teu mau gosto... mas assim, acredite, se ela ainda não se vingou, vontade é o que não falta.

ADOLFO: Você acha mesmo?

GUSTAVO: É preciso tirar isso a limpo o quanto antes. Se você quiser eu te ajudo

ADOLFO: Tudo bem. Já que vou morrer mesmo, que seja agora. Não deixe pra fazer amanhã o que se pode fazer hoje, né? Estou à sua disposição.

GUSTAVO: Pra começar, preciso saber qual é o ponto fraco dela.

ADOLFO: Eu acho que ela não tem nenhum. Ela é dura, impenetrável. (ouve-se o apito do barco, do ônibus.... etc.)

GUSTAVO: Escute! O sinal do barco (ônibus, etc..) ela está chegando.

ADOLFO: Tenho que ir esperar por ela. (indo para o fundo)

GUSTAVO: (parando Adolfo) não! Não vai. E seja desagradável com ela. E você já sabe, se ela te insultar é porque esta com a consciência tranqüila, mas se te der carinho, é sinal de que se sente culpada.

ADOLFO: Você tem certeza disso?

GUSTAVO: Certeza, certeza, não. Muitas vezes damos voltas e voltas, mas eu não vou deixar ela escapar. O meu quarto é aqui do lado (aponta para a porta da direita, por trás do divã). Vai ser meu posto de observação. Quando você tiver terminado, vamos trocar de posição, se você quiser: eu venho pra cá e você vai pro meu quarto, onde poderá acompanhar a discussão pelo buraco da fechadura. Depois a gente se encontra no parque, para trocar uma idéia. Mas, acima de tudo, seja forte e enérgico. Se você fraquejar eu bato duas vezes no chão com uma cadeira.

ADOLFO: Combinado. Mas você promete que não vai embora? Preciso ter certeza de que você não vai embora.

GUSTAVO: Pode ter certeza de que eu não vou sair de lá. Mas depois, quando chegar a minha vez, não tenha medo quando eu rasgar a alma dela, e analisar o conteúdo profundamente. Para um principiante, é um espetáculo terrível, mas você não vai se arrepender de assistir. E nenhuma palavra sobre o nosso encontro. Você não se encontrou com ninguém durante a ausência dela. Nenhuma palavra, entendeu? E eu vou tratar de achar o ponto fraco dela. Pssss... ela já está chegando. Escute, ela está cantando... é um sinal de que está furiosa. Sente aí nessa cadeira: assim ela vai ter que se sentar na minha, e eu vou poder ver os dois. Você se sente forte?

ADOLFO: Não sinto nada. Ou melhor, tenho medo do que vai acontecer. Mas eu sei que não posso impedir. Quando um copo transborda não é por causa da última gota e nem por causa da primeira... mas sim por causa de todas as gotas juntas.

GUSTAVO: Pois deixe que o copo transborde. Sem isso você não vai poder descansar. Tchau. (sai rapidamente).

CENA 2

(Adolfo acena com a cabeça, rasga a fotografia e coloca embaixo da mesa. Depois ele se senta na cadeira que Gustavo tinha indicado, ajeita nervosamente a gravata, passa a mão pelos cabelos, arruma a gola do casaco, etc.)

TEKLA (entra, se dirige a Adolfo e o beija, com sinceridade. Está alegre e atraente) Bom dia, irmãozinho, como você está?

ADOLFO (semi vencido, num tom jovial, mas completamente forçado) que maldade você fez pra mim pra me beijar desse

jeito?

TEKLA Vou te dizer: gastei rios de dinheiro

ADOLFO Então, você se divertiu?

TEKLA Com certeza, e muito! Mas não durante a reunião, que foi uma enorme sabedoria. E o meu irmãozinho, o que fez enquanto sua maninha estava longe? (olha ao redor, procurando ou farejando alguma coisa...)

ADOLFO O tempo nunca passava! Fiquei muito entediado.

TEKLA Ninguém veio te visitar?

ADOLFO Não, não... fiquei o tempo todo sozinho...

TEKLA (senta-se na cadeira de Gustavo): Quem é que estava aqui sentado?

ADOLFO Ai? Ninguém.

TEKLA Que estranho... a cadeira ainda tá quente, e aqui dá pra ver uma marca de cotovelo. Não me diga que você recebeu a visita de uma mulher...

ADOLFO Eu? Tá brincando, né?

TEKLA Ficou vermelho! Hmmm... acho que o meu irmãozinho está mentindo. Vamos, vamos... conte pra sua mana o que se passa nessa cabecinha... (puxa Adolfo pra perto, ele se deixa arrastar, coloca a cabeça no colo de Tekla)

ADOLFO (rindo) você é um diabinho, sabia?

TEKLA Como que você quer que eu saiba, se eu me conheço tão mal?

ADOLFO Você nunca se observa?

TEKLA (desconfiado) Porque você está me perguntando isso?

ADOLFO Coloca a mão na minha testa.

TEKLA (falando como se fosse pra uma criança) esses bichinhos malvados estão de novo na sua cabeça? Vamos matar esses monstros? (beija a testa dele) então, já passou?

ADOLFO Já.

TEKLA Agora me diga, o que você fez? Você pintou?

ADOLFO Não, não... decidi não pintar mais...

TEKLA O que? Não vai mais pintar?

ADOLFO Não fique brava. A culpa não é minha. Eu me sinto incapaz de pegar nos pincéis de novo...

TEKLA Então, o que você vai fazer?

ADOLFO Escultura.

TEKLA Outra vez com essas idéias...

ADOLFO Ah, eu já pedi pra você não ficar brava... olhe pra esse estátua

TEKLA (descobre a estátua) Olá! Quem é você?

ADOLFO Adivinhe.

TEKLA (muito doce) Será que é a sua irmãzinha? Você não tem vergonha?

ADOLFO Ué, você não acha parecida?

TEKLA Como que você quer que eu diga isso, se ainda não tem a cara?

ADOLFO Ah, mas tem tantos outros traços.... o que você acha?

TEKLA (bate no rosto dele, levemente, de brincadeira) ou você cala essa boquinha, ou eu te dou um beijo...

ADOLFO (defendendo-se) então querida... então... alguém pode aparecer...

TEKLA E daí? Por um acaso eu não tenho o direito de beijar meu marido?

ADOLFO Claro que tem, mas veja só... aqui no hotel eles acham que nós não somos casados, porque eles vem a gente se beijar muitas vezes, e discutir como só discutem os namorados e os amantes...

TEKLA Mas discutir pra que? Você não gosta de ser bom pra mim sempre, como você está sendo agora? Você não quer que a gente seja feliz?

ADOLFO Claro que sim, mas...

TEKLA O que mais? E quem é que colocou essa idéia de não pintar mais na sua cabeça?

ADOLFO Quem? Você sempre acha que tem alguém atrás de mim, atrás dos meus pensamentos... você tá com ciúmes, isso sim, ciúmes...

TEKLA Sim, sim... sou ciumenta sim. Tenho medo que você se afaste de mim.

ADOLFO Ah, você sabe bem que nenhuma mulher no mundo pode te substituir, e eu não sou capaz de viver sem você...

TEKLA Mas não é das mulheres que eu tenho medo. É dos amigos, que colocam idéias na sua cabeça...

ADOLFO (observando-a) então você tem medo... mas medo do quê?

TEKLA (levantando) alguém esteve aqui, né? Quem foi?

ADOLFO Você já não consegue mais olhar pra mim?

TEKLA Desse jeito não! Você não tem o costume de me olhar desse jeito...

ADOLFO De que jeito?

TEKLA O teu olhar me machuca.

ADOLFO Mas é pra te ver melhor. Pra saber o que se passa dentro de você..

TEKLA Você pode ver à vontade. Eu não tenho nada pra esconder. Mas... hoje você está falando de um jeito estranho. Você usa expressões diferentes, que não são tuas... (avança até ele, em ar de ameaça) quem veio te visitar?

ADOLFO Se você quer mesmo saber, foi o médico.

TEKLA Qual médico?

ADOLFO O doutor Sjöberg.

TEKLA E o que ele te disse?

ADOLFO Bem... entre outras coisas, ele disse que ... que eu estou ameaçado de ter epilepsia.

TEKLA Entre outras coisas? O que mais ele te disse?

ADOLFO Uma coisa muito chata.

TEKLA O quê?

ADOLFO Ele nos proibiu de viver, durante algum tempo, como marido e mulher.

TEKLA AH, mas eu já esperava por isso. Querem nos separar a qualquer preço. Eu bem que desconfiava.

ADOLFO Não é verdade. Ninguém nunca quis nos separar.

TEKLA Você tá dizendo que eu to mentindo?

ADOLFO Como é que você pode achar algo que não existe, se a preocupação não te atormentasse? Do que é que você tem medo, hein, Tekla? Que eu use os olhos de outras pessoas pra te enxergar como você realmente é, e não como você aparenta ser?

TEKLA Cuidado com a imaginação, Adolfo. A imaginação é como um animal feroz...

ADOLFO Bravo!! Quem te ensinou essa frase? Algum lindo adolescente ingênuo e puro que você conheceu no barco, né?

TEKLA (sem se descontrolar) Isso mesmo. A juventude sempre tem alguma coisa pra nos ensinar.

ADOLFO Bom... to vendo que você está começando a amar os jovens.

TEKLA Sempre amei os jovens, e foi por isso que eu te amei. Você não gosta disso?

ADOLFO Gosto, mas eu gostaria mais é de ser o único.

TEKLA (comicamente afetada) Meu irmãozinho, o meu coração é muito grande, e nele tem lugar pra outros, além de você.

ADOLFO Sim, mas o irmãozinho não quer que tenha outros em seu coração.

TEKLA Venha aqui, sua mana vai te puxar as orelhas, seu ciumento, invejoso... (ouvem-se duas pancadas vindas do quarto de Gustavo)

ADOLFO Agora eu não quero brincar, to falando sério.

TEKLA Meu Deus, quer falar sério? Como ele está mudado! Parece impossível! (beija na testa) Vá, ria um pouco... isso, assim...

ADOLFO (não podendo conter o riso) Que mulher... você fez um feitiço pra mim... só pode...

TEKLA Viu só? É por isso que você tem que ser bonzinho, porque se não for bonzinho, a bruxa vai fazer você desaparecer.

ADOLFO (levanta) Tekla, fique assim, não se mexa. Vou modelar a cabeça.

TEKLA Assim/

ADOLFO Sim, sim... não pense em mim agora, faça de conta que eu não estou aqui

TEKLA Ok, vou pensar na minha última conquista.

ADOLFO O adolescente ingênuo e puro?

TEKLA Exatamente. Tinha um bigodinho tão bonitinho, e as bochechas tão rosadas, que me deu vontade de morder...

ADOLFO (deprimido) Deixa essa ruga perto da boca...

TEKLA Que ruga?

ADOLFO Essa aí, sua cínica, insolente... que eu nunca tinha notado em você.

TEKLA (faz uma careta) Essa?

ADOLFO Sim, essa. (levanta). Você sabe como Bret Hart define uma mulher adúltera?

TEKLA (sorrindo) não, não... nunca li.

ADOLFO Ele define como uma mulher pálida, que nunca fica corada.

TEKLA Nunca? Pelo menos deve corar quando vê o amante, ainda que o marido e o Sr. Bret-não-sei-o-quê não se dêem conta disso...

ADOLFO (furioso) Tekla!

TEKLA Doidinho!

ADOLFO Tekla!

TEKLA Me chame de irmãzinha se você quer me ver ficar vermelha por sua causa.

ADOLFO (vencido) estou tão bravo com você que to com vontade de te morder.

TEKLA (em tom de brincadeira) Então vem, me morde. (estende os braços)

ADOLFO (passa os braços em volta do pescoço, e a beija) Sim, vou te morder até te matar.

TEKLA (gracejando) Cuidado, alguém pode entrar.

ADOLFO E eu com isso? Não tenho medo de nada, desde que você esteja do meu lado.

TEKLA E quando você não me tiver ao seu lado?

ADOLFO Daí eu morro.

TEKLA Não fique com medo. Com essa idade, ninguém me quer mais, não é assim?

ADOLFO Tekla, você não esqueceu... Eu retiro o que disse.

TEKLA Você pode me explicar como é que você pode ser tão ciumento, e ao mesmo tempo ter tanta confiança em mim?

ADOLFO Não, eu não consigo explicar nada. A simples idéia de que outro homem já te possuiu antes de mim me deixa louco. Às vezes, parece que nosso amor é apenas uma história, uma defesa, uma questão de vergonha na cara, e o pior, pra mim, é pensar que esse homem pode ficar sabendo que eu não sou feliz. Eu nunca o vi, mas só de pensar que ele deseja a minha infelicidade, e que todos os dias ele me amaldiçoa, rindo às minhas custas com a minha derrota... basta essa idéia pra me sentir completamente atraído por você.

TEKLA E você acha que eu estou disposta a te dar essa alegria? Simplesmente aceitar que suas previsões se realizem?

ADOLFO Eu quero acreditar que não.

TEKLA Então, porque você está inquieto?

ADOLFO Por causa da tua vontade enorme de agradar outros homens. O que você acha de tão interessante nesse jogo?

TEKLA Não é um jogo. Só quero que as pessoas gostem de mim.

ADOLFO Só os homens...

TEKLA Mas é claro! Bom, você sabe que nunca uma mulher poderá amar outra mulher...

ADOLFO Me diga...(pausa)... você tem notícias dele ultimamente?

TEKLA Nada... já faz seis meses.

ADOLFO E você nunca viu ele novamente?

TEKLA Não. Parece que ele mora do outro lado da costa... mas porque você está me perguntando isso agora?

ADOLFO Não sei. Mas, nesses dias que eu estive sozinho, eu pensei bastante nele, o que ele podia sentir quando se achava sozinho...

TEKLA Você está com remorso?

ADOLFO Acho que sim...

TEKLA ... a impressão de ter roubado, né?

ADOLFO Mais ou menos.

TEKLA Muito bem! Se rouba uma mulher como se rouba uma criança ou uma galinha. Em outras palavras, você me acha um objeto, uma coisa, como se fosse propriedade sua. Muito obrigada!

ADOLFO Não, Tekla... eu te considero minha mulher. E isso conta mais que qualquer espécie de posse. Um objeto pode ser substituído por outro, uma mulher não pode...

TEKLA Não diga isso. Você acha que ele voltou a casar. Todas essas tuas idéias vão deixar de ser sem sentido. Você não tem o seu lugar não?

ADOLFO Você acha mesmo? E você, tem certeza de que o amou?

TEKLA Mas é claro!

ADOLFO Sempre?

TEKLA Até o dia em que me cansei dele...

ADOLFO E se você se cansar de mim também?

TEKLA Não tem nada a ver isso agora.

ADOLFO E se aparecesse um outro homem, com as qualidades que você mais aprecia, você seria capaz de me abandonar?

TEKLA Não!

ADOLFO Mas se ele te seduzisse, ao ponto de não poder resistir...você iria me deixar não é mesmo?

TEKLA Não sei.

ADOLFO Mas é impossível amar dois homens ao mesmo tempo.

TEKLA Impossível? Por quê?

ADOLFO Não to entendendo...

TEKLA Muitas coisas acontecem sem que a gente precise compreender. Nós não somos feitos da mesma coisa

ADOLFO Agora to começando a entender...

TEKLA Não diga...

ADOLFO "Não diga"! (uma pausa, Adolfo se esforça pra lembrar de alguma coisa, que na hora ali, escapa. Você sabe que a tua sinceridade está ficando dolorosa?)

TEKLA Você não me disse, milhões de vezes, que a sinceridade era a maior das virtudes? E disse também que tinha que me esforçar para poder alcançá-la?

ADOLFO Pois hoje me parece que você está escondendo alguma coisa.

TEKLA (ironicamente) é a minha nova tática, você não sabia?

ADOLFO (pausa) não sei bem ao certo o porquê, mas a estadia aqui está começando a ficar desagradável... se você não se importa, nós voltamos hoje à noite pra casa.

TEKLA Mas que absurdo! Eu acabei de chegar e não to com a mínima vontade de ir embora (senta no sofá).

ADOLFO E se eu disser que eu quero ir embora?

TEKLA Não me interessa o que você quer ou deixa de querer. Se quer mesmo, vai sozinho!

ADOLFO (gravemente) Tekla: eu estou mandando, venha comigo, no próximo barco (ônibus, etc...)

TEKLA "Estou mandando"? o que você quer dizer com isso?

ADOLFO Você sabia que você é a minha mulher?

TEKLA (levantando) E você, sabia que é meu marido?

ADOLFO (mesmo jogo) sim, e sei também que não é a mesma coisa.

TEKLA Você fala de um jeito.. agora eu vejo que você não tem amor nenhum por mim.

ADOLFO Você acha que não?

TEKLA Acho, porque o amor é uma dádiva...

ADOLFO Amar, para um homem é dar, e para a mulher é receber. E eu te dei tudo.. tudo...

TEKLA É bastante...de fato. Mas, supondo que seja assim mesmo, eu só aceitei o que você me dava. Agora você vai me cobrar o que me deu? E se eu aceitei tudo, é porque eu te amo. Uma mulher só aceita presentes do homem que ama.

ADOLFO O homem que ama: exatamente. Eu fui apenas o homem que você ama, mas nunca fui o teu marido.

TEKLA E isso não é melhor do que servir apenas de disfarce? Mas, tudo bem, se você não gosta desse papel, eu dispenso teus serviços daqui em diante. Não preciso de um marido pra nada.

ADOLFO Eu já sabia disso. Eu vejo... nesses últimos tempos, você está fugindo de mim, como se fosse uma ladra, para sair com seus amigos, junto das pessoas com as quais você pode brilhar com roupas emprestadas e as jóias que me roubou... então, resolvi lembrar que você me deve muito, e me transformei no cobrador que você precisa fugir. Você quis arrumar nossas contas, e pra não aumentar sua dívida comigo, você foi procurar outros homens. Mas agora, quer queira, quer não, eu sou o teu marido, e não aquele que você ama. O teu marido, tá entendendo? (senta)

TEKLA (brincando) não fale besteira...

ADOLFO Cuidado, Tekla. É perigoso pensar que todos são idiotas, e que só nós é que somos inteligentes.

TEKLA Todo mundo pensa mais ou menos assim...

ADOLFO Eu to começando a desconfiar que o teu primeiro marido não era tão imbecil como você dizia...

TEKLA Ah, meu Deus... não me diga que você já está gostando dele?

ADOLFO Quase.

TEKLA Era só o que faltava! Quem sabe...você iria gostar de conhecer... de abrir o coração com ele, de confiar os seus segredos a ele... seria um quadro lindo! Pois eu também to começando a me sentir atraída por ele. Eu estou cansada de servir de ama-seca. Pelo menos, ele era um homem viril, e o único defeito dele era que ele era meu marido...

ADOLFO Fale baixo, alguém pode ouvir...

TEKLA E o que é que tem? Não somos casados?

ADOLFO Pelo que eu vejo, você está começando a gostar de homens másculos e de adolescentes ingênuos e puros...

TEKLA Como você pode ver, as minhas preferencias são ilimitadas: o meu coração está aberto a tudo e a todos, ao que é grande e ao que é pequeno, ao belo e ao feio, ao velho e ao jovem... é o mundo inteiro que eu amo...!!!

ADOLFO Você sabe o que isso quer dizer?

TEKLA Não, não sei não... prefiro só sentir.

ADOLFO Quer dizer que você não é mais jovem.

TEKLA Outra vez esse assunto?? Cuidado, Adolfo...

ADOLFO Quem tem que ter cuidado é você.

TEKLA Eu? Cuidado com o quê?

ADOLFO Com o fio da navalha.

TEKLA (em tom que procura virar gracejante) Irmãozinho, você não deve brincar com esse tipo de coisa.... é perigoso...

ADOLFO Não to brincando...

TEKLA Ah, então é sério mesmo? Sério? Pois eu vou te mostrar que você está enganado. Ou melhor, não vou. Você nunca vai ver nada, todo mundo vai saber, menos você. Você só vai ter dúvidas, suspeitas, e nunca mais vai ter sossego. Você vai se sentir ridículo, humilhado, mas nunca vai ter as provas da tua infelicidade: um marido nunca consegue essas provas. (frente a frente, olhando nos olhos) Assim você vai aprender a me conhecer.

ADOLFO (sentando) você me odeia, não é mesmo?

TEKLA Não. E acho que nunca vou te odiar. Você não passa de uma criança...

ADOLFO Talvez. Mas lembre-se dos dias ruins que passamos juntos. Você era como um bebê que chorava: eu te peguei no colo e te embalei até que você dormisse. Eu que cuidava de você: quem te penteava antes de sair pra rua, quem mandava teus sapatos pro sapateiro, tomava conta da casa... eu me sentava do teu lado e te pegava na mão, e ficava assim horas e horas, porque você tinha medo, medo de tudo e de todos... dos teus amigos que tinham te abandonado, medo da opinião dos outros... e eu, pra te dar coragem, falava, falava, falava até a garganta secar, até a cabeça doer. Me fiz de forte e me obriguei a ter esperança no futuro; e acabei te dando um pouco de vida... tirei você do túmulo onde você estava. E você me admirava, vendo em mim um homem; não um atleta, como o que você tinha deixado, mas um espírito robusto, dotado de magnetismo, fornecendo energia aos teus músculos e ao teu cérebro... então eu te arranjei uns amigos, e fiz com que eles te admirassem. Eu fiz de você a rainha da minha casa e a senhora do meu ser. Eu te pintei nos meus melhores quadros, em tons de rosa e azul celeste, num fundo de ouro, e em todas as exposições eu reservei o melhor lugar. Voltei as atenções todas pra você, e obriguei a multidão a te olhar com os mesmos olhos deslumbrados com que eu te enxergava. Até que um dia, finalmente, você pode voar com tuas próprias asas.

Quando eu acabei, eu estava completamente exausto, e cai de tão cansado. Eu fiquei doente, e a minha doença te incomodava agora que a vida começava a sorrir pra você. Muitas vezes eu pensei que havia um desejo secreto que te impedia de me largar, de te ver livre do teu cobrador, do teu cúmplice. O teu amor foi se tomando, pouco a pouco, um carinho tolerante, fraterno, e na falta de algo melhor, me acostumei com o papel de "irmãozinho". Você continuou a ser terna, carinhosa, mais do que era antes, mas essa ternura vinha cheia de piedade, de desdém, e se transformou em desprezo, à medida em que minha estrela se apagava e o sol nascia pra você.

Mas, de qualquer modo, a fonte seco, e eu não conseguia mais alimentá-la – ou era você quem tentava demonstrar que já não precisava mais dela. E assim, lentamente, fomos afundando, os dois. Você procurou então alguém que você pudesse acusar; um novo responsável, já que você não tinha força pra suportar sozinha o peso dos teus erros. E eu fui o bode expiatório que você escolheu. Simplesmente, quando você me cortou as asas, não pensou que ao mesmo tempo você estava se auto-mutilando, e nem se lembrou de que tínhamos nos transformado em irmãos siameses: eu era a árvore e você era a estaca... e você quis arrancá-la antes que as minhas raízes se cravassem bem no chão. Mas você não conseguiu crescer sozinha, e a árvore também não conseguiu viver sem apoio. Então

morremos: nós dois.

TEKLA Porque tudo isso agora? Só pra me jogar na cara que foi você quem escreveu os meus livros?

ADOLFO Não, não... é você quem tá dizendo isso, pra logo em seguida me acusar de mentiroso. Eu não me expressei com crueldade. Se eu falei tanto assim, foi pra te mostrar bem todos os lados, todos os mínimos detalhes do assunto. Ao passo que você tem apenas uma simples visão do teu mundinho. Por isso você não me entende...

TEKLA Em resumo, foi você quem escreveu meus livros?

ADOLFO Não tenho nada que resumir. Não se pode reduzir um acorde a uma nota isolada. Não se pode reduzir à unidade o que é múltiplo e diverso, como a vida. Não, eu não sou tão idiota a ponto de me intitular o autor dos seus livros.

TEKLA Mas então, é o que você está pensando?

ADOLFO (furioso) também não!

TEKLA Mas, no fim das contas...

ADOLFO (ferozmente) não tem um fim de contas sem ter feito a soma. Existe apenas um quociente, uma fração decimal indefinida, quando se faz uma divisão que não acaba em zero. E eu não fiz a soma...

TEKLA Mas eu posso fazer essa soma!

ADOLFO Tudo bem, mas eu não fiz.

TEKLA Em todo o caso, você quis fazer...

ADOLFO (já sem forças, de olhos fechados).. não, eu não quis. E por favor, Tekla, não fale mais nada. Fique quieta, quieta... me deixe. Você está me destruindo... as tuas garras, cravadas no meu cérebro, acabam com meus pensamentos... (fica semi-inconsciente, olhando fixamente em frente, os dedos atrofiados.)

TEKLA (docemente, debruçando sobre ele) O que você tem? Você está doente? Adolfo? (Adolfo se agita. Tekla molha o lenço na água da garrafa que está sobre a mesa, e com ele molha a testa de Adolfo) Adolfo! (ele estremece) Adolfo!

ADOLFO Sim...?

TEKLA Diga... agora há pouco você foi muito injusto...

ADOLFO Sim, sim... fui...

TEKLA Me peça perdão...?

ADOLFO Sim, sim... me perdoa... mas não fala mais nada...

TEKLA Beija minha mão...

ADOLFO (beija a mão) beijo sim, mas cale a boca agora...

TEKLA Agora você vai dar uma volta e tomar um pouco de ar, antes do jantar...

ADOLFO Sim, sim... eu preciso mesmo. Depois a gente faz as malas e vai embora...

TEKLA Não.

ADOLFO (em pé) porquê? Algo contra?

TEKLA Sim... prometi que iria em uma reunião depois do jantar...

ADOLFO Você prometeu!? Você disse que, quando muito, gostaria de ir, mas isso não te impede de mudar de opinião...

TEKLA Não, eu não sou como você, que volta sempre atrás...

ADOLFO Quando prometemos alguma coisa, devemos cumprir, mas não tem motivo pra nos sentirmos comprometidos com tudo o que dizemos. Alguém te pediu pra ir nessa reunião?

TEKLA Sim

ADOLFO Então, peça desculpas e explique que seu marido está doente.

TEKLA Não vou fazer uma coisa dessas. E além disso você não está tão doente que não pode ir comigo.

ADOLFO Porque você quer que eu te acompanhe? Você se sente mais protegida assim?

TEKLA Não estou entendendo...

ADOLFO Você sempre diz isso quando sente que o que eu vou dizer é ruim pra você.

TEKLA Não diga isso... o que é que poderia me desagradar agora?

ADOLFO Não comece, por favor... não comece. Até depois.

TEKLA

(Sai pela porta do fundo, seguindo para a direita. Tekla fica só. Adolfo mal acaba de sair, entra Gustavo. Ele se dirige para perto da mesa, onde está o jornal, como se Tekla não estivesse presente)

CENA 3

TEKLA: (ao perceber sua presença, tem um sobressalto, mas se controla) Você!?

GUSTAVO: Sim, sou eu... desculpe...

TEKLA: Por onde você entrou?

GUSTAVO: Por aquela porta. Mas já estou indo embora, porque...

TEKLA: Não, não.. fique... (pausa) Tanto tempo passou

GUSTAVO: É verdade... tanto tempo...

TEKLA: Você mudou bastante, Gustavo...

GUSTAVO: Mas você, em compensação, está encantadora, minha querida Tekla... aliás, como sempre. Você parece mais nova, até. Desculpe, não quero estragar tua felicidade com a minha presença. Se eu soubesse que você estava aqui, eu não teria...

TEKLA: Por favor, fique... a não ser que você realmente não queira...

GUSTAVO: Por mim não há problemas, mas eu receio que tudo o que eu digo, sempre te magoa...

TEKLA: Sente.. não me magoa em absolutamente nada... sempre teve essa qualidade, tão rara, do tato, da delicadeza... Ah, você...

GUSTAVO: Você é muito amável... mas eu duvido que seu marido tenha por mim o mesmo carinho que você...

TEKLA: Ao contrário... ainda há pouco me falou de você com a maior das simpatias...

GUSTAVO: Claro... com o tempo tudo se esquece.. tudo se apaga... como os nomes que são escritos nos troncos das árvores... até a própria raiva some...

TEKLA: Como ele pode sentir raiva de você se ele nem te conhece? Eu sempre quis que vocês fossem amigos, nem que fosse por um minuto somente, ou que pelo menos na minha presença apertassem as mãos...

GUSTAVO: Eu também alimentei a esperança de ver aquela que eu amei mais que minha própria vida... nas mãos de quem a merecesse... e a verdade é que eu tenho ouvido falar muito bem do teu marido. Conheço os trabalhos dele, e gostaria, antes de morrer, de apertar sua mão, olhar bem nos olhos dele, e pedir que tome conta do tesouro que Deus lhe confiou... Dessa forma, o ódio que arde dentro de mim involuntariamente contra ele se apagaria, e o meu desejo de encontrar a felicidade no fim de minha triste vida, junto com a paz de espírito, se realizaria...

TEKLA: Você acabou de dizer o que eu penso. Uso me entende, obrigada, Gustavo. (estende a mão)

GUSTAVO: AH, eu não sou nada além de um homem sem importância, e sempre fui muito insignificante, ate mesmo pra te fazer sombra. A vida monótona, a rotina de todos os dias, o ambiente mesquinho em que eu vivia, não podiam te satisfazer... esse temperamento inquieto, essa tua vontade de ser livre... eu reconheço isso, totalmente. Mas você, que está tão habituada a estudar a alma humana, deve entender como me custou confessar isso a mim mesmo.

TEKLA: É muito nobre de nossa parte reconhecer nossas próprias fraquezas... poucas pessoas são capazes disso...(suspira). Mas você sempre foi honesto, fiel, digno de confiança... eu sempre gostei muito de você, mas...

GUSTAVO: Não, não... não é nada disso que você diz...pelo menos nessa altura. A dor nos purifica, o desgosto nos enobrece... e a verdade é que eu sofri muito.

TEKLA: Pobre Gustavo! Me perdoa? Diga que você me perdoa?

GUSTAVO: Te perdoar? O que? Sou eu quem tem que pedir perdão!

TEKLA: (mudando de tom) Estamos quase chorando, como dois velhos...

GUSTAVO: (mudando também de tom, com cuidado). Dois velhos! Sim, eu estou velho, mas você está cada vez mais nova! (senta discretamente na cadeira da esquerda, enquanto Tekla senta no divã.)

TEKLA: Você acha mesmo?

GUSTAVO: E você se veste tão bem!

TEKLA: Aprendi com você. Lembra que foi você quem me indicou as cores que ficavam bem em mim?

GUSTAVO: Não, não me lembro.

TEKLA: Ah, lembra sim! Você ate ficava bravo quando eu não usava vestidos cor de rosa.

GUSTAVO: Bravo? Eu? Nunca eu fiquei bravo com você.

TEKLA: Ah, como não? E quando você me ensinava a pensar, o que aliás, eu não conseguia fazer de jeito nenhum... você também não se lembra?

GUSTAVO: Ah, isso não é verdade... você sempre foi perfeitamente capaz de pensar por ti. Todo mundo é capaz. Aliás, você mostrou ter um espírito muito extraordinário, pelo menos nos teus livros.

TEKLA: (pouco à vontade, falando rapidamente). Pois, meu querido Gustavo, você não sabe como eu estou contente em ver você de novo... e ainda mais com tanta disposição.

GUSTAVO: Ora... você bem sabe que eu nunca fui complicado. E você sempre foi tão discreta comigo...

TEKLA: Sim, talvez até demais...

GUSTAVO: E eu pensei que era assim que você sempre quis ser. Pelo menos, você me dizia isso antes de gente se casar.

TEKLA: Ah, ninguém sabe o que quer antes de alcançar uma certa idade. E além disso, minha mãe sempre disse que era muito importante ter boas maneiras.

GUSTAVO: Mas hoje você está completamente diferente. Essa vida de artista é bem livre, e o teu marido passa longe de ser um burguês.

TEKLA: Até nas melhores coisas nos cansamos...

GUSTAVO: (mudando de assunto) agora estou vendo... você está usando os mesmos brincos que eu te dei...

TEKLA: (com vergonha) e porque não usaria? Nunca fomos inimigos, não é? Eu queria mesmo usar esses brincos como recordação, e como prova de que não estávamos bravos um com o outro. Aliás, não sei se você sabe, mas não se acham mais brincos como estes (tira um dos brincos)

GUSTAVO: Que bom! Que bom...mas, o que o teu marido fala disso?

TEKLA: E eu lá quero saber do que ele fala!?

GUSTAVO: Você não se incomoda com o que ele pensa? Nossa, que humilhante pra ele...pode fazer com que ele se sinta ridículo.

TEKLA: (rapidamente) ridículo ele já é, de qualquer jeito.

GUSTAVO: (vendo que ela não consegue colocar o brinco, levanta) posso ajudar?

TEKLA: Claro!

GUSTAVO: (dando um beliscão na orelha de Tekla) A tua orelhinha... imagine se o teu marido estivesse vendo agora...

TEKLA: Nem me fale... ele provavelmente ia fazer um drama, com lágrimas e tudo.

GUSTAVO: Ele é tão ciumento assim?

TEKLA: Ciumento? E como!! (barulho no quarto da direita)

GUSTAVO: Quem está naquele quarto?

TEKLA: Não sei... mas me diga, o que você está fazendo da vida?

GUSTAVO: Ah, eu prefiro que você me fale das suas coisas...

TEKLA: (envergonhada, retira mecanicamente o pano que cobre a estátua)

GUSTAVO: Mas... essa estátua representa quem? Ahn!? É você?

TEKLA: Acho que não.

GUSTAVO: Mas se parece com você.

TEKLA: (cinicamente) você acha?

GUSTAVO: Isso me lembra daquela velha piadinha... "como vossa majestade percebeu que era eu?"

TEKLA: (dando umas gargalhadas) você sempre tem boas histórias pra contar... sabe de alguma nova?

GUSTAVO: Não, não me lembro agora. Mas você com certeza sabe de alguma.

TEKLA: Também não. Ninguém me conta mais histórias picantes.

GUSTAVO: Teu marido é tímido?

TEKLA: Bastante. Ainda mais agora que está doente.

GUSTAVO: Coitadinho! Mas também, quem mandou ele meter o nariz onde não é chamado?

TEKLA: (rindo) Ah, Gustavo...

GUSTAVO: Nós passamos aqui a nossa lua de mel, lembra? Só os móveis que eram diferentes... aqui tinha uma escrivaninha, e ali ficava a cama.

TEKLA: Quietos!

GUSTAVO: Olhe pra mim.

TEKLA: Pronto. (ficam se olhando um momento)

GUSTAVO: Você acha que pode esquecer aquilo que um dia foi gravado profundamente em nosso espírito?

TEKLA: Não. E sei também que o poder das lembranças é bem grande, ainda mais as da juventude...

GUSTAVO: Você se lembra da primeira vez que nos encontramos? Você era uma criança encantadora, uma pequena pedra preciosa, onde teus pais tinham desenhado uns rabiscos, que eu apaguei depois, pra poder colocar as minhas idéias no lugar. E ali elas ficaram, até o dia em que você percebeu que eu tinha escrito idéias por toda a pedrinha... é por isso que eu não gostaria de estar no lugar do teu marido... bom, o problema é dele... e é por isso também que estou

muito feliz em te encontrar. Os nossos pensamentos se completam perfeitamente... quando eu falo com você eu tenho a impressão de estar na frente de um vinho antigo, que eu mesmo engarrafei, mas que agora tem um aroma delicioso. Eu vou me casar de novo, você sabia? E eu escolhi de propósito uma mocinha que ~~eu~~ vou poder educar do jeito que eu quiser, porque a mulher deve ser a criança do marido, senão é o marido que fica subordinado à mulher, e o mundo fica de ponta-cabeça.

TEKLA: Você vai se casar de novo?

GUSTAVO: Sim, vou tentar a sorte outra vez, mas vou ficar com as rédeas bem firmes.

TEKLA: E ela é bonita?

GUSTAVO: Eu acho que é. Mas é possível que ela já tenha gostado de velhos. O estranho, agora, é que o destino permitiu que eu te reencontrasse, e por isso tenho dúvidas se vale a pena jogar esse jogo outra vez...

TEKLA: O que você quer dizer com isso?

GUSTAVO: Eu ainda me sinto ligado a você, e as feridas que eu achava que estavam cicatrizadas estão sangrando de novo. Você é uma mulher perigosa, Tekla

TEKLA: Não diga... o meu marido acha que eu não sou capaz de conquistar outro homem

GUSTAVO: O que significa que ele já não te ama.

TEKLA: Eu sempre quis saber o que passa na cabeça dele quando a palavra é amar...

GUSTAVO: Vocês jogaram às escondidas durante muito tempo, e hoje vocês não têm a capacidade de se encontrar. Às vezes isso acontece...

TEKLA: Isso é uma crítica?

GUSTAVO: De maneira nenhuma. Aconteceu apenas o que deveria ter acontecido. Podia ter sido de outro jeito, mas se foi assim é por que foi assim.

TEKLA: Você é um homem culto, Gustavo, e eu nunca conheci ninguém que eu gostasse tanto de conversar assim. Não inventa discursos moralistas, não exige nada dos outros... com você as pessoas se sentem livres de verdade. Eu tenho ciúmes da sua nova mulher.

GUSTAVO: Eu também tenho ciúmes do seu marido.

TEKLA: É, mas agora temos que nos separar. Para sempre.

GUSTAVO: Sim, vamos nos separar. Mas, antes disso, vamos fazer uma festa de despedida.

TEKLA: (inquieta) Não.

GUSTAVO: Claro que sim! Vamos afogar nossas lembranças num prazer tão intenso que, ao acordar, as teremos varrido definitivamente de nosso espírito... (passa os braços em volta da cintura dela). Um espírito doentio te arrasta para a terra, te contagia com a sua debilidade... mas eu vou te dar uma vida nova, vou fazer seu talento renascer como uma rosa de Outono... saberei... (duas senhoras passam pela varanda, surpreendidas, olham para os dois, apontam, e cochicham entre si. Depois de rir, seguem seu caminho)

TEKLA: (soltando-se dos braços de Gustavo.) quem era?

GUSTAVO: Duas hóspedes do hotel.

TEKLA: Me largue, eu tenho medo de você.

GUSTAVO: Medo? Por quê?

TEKLA: Você me arranca a alma.

GUSTAVO: Mas eu te dou a minha em troca. Aliás, você não tem alma. É apenas uma ilusão de ótica.

TEKLA: Você diz essas barbaridades de tal maneira... que eu não consigo ficar brava com você.

GUSTAVO: Tenho meus direitos, não tenho? Então, onde, e quando?

TEKLA: Não! Não posso fazer uma coisa dessas. Eu tenho certeza de que ele ainda me ama, e eu não quero que ele sofra por minha causa.

GUSTAVO: Ele não te ama.. é mentira. Quer que eu te prove?

TEKLA: E como você pode provar?

GUSTAVO: (pega os pedaços da foto do chão).. aqui.. olha só

TEKLA: Ai, que vergonha!

GUSTAVO: Já se convenceu? Então, quando? Onde?

TEKLA: Ele mentiu pra mim, miserável.

GUSTAVO: (insistindo) Tekla, quando?

TEKLA: Ele vai embora hoje, no barco (ônibus) das oito.

GUSTAVO: Então?

TEKLA: Às nove horas, aqui. (barulho no quarto da direita). Mas quem é que está fazendo tanto barulho assim?

GUSTAVO: (olha pelo buraco da fechadura) só vejo uma mesa caída e os cacos de uma garrafa espalhados pelo chão. Devem ter deixado um cachorrinho trancado no quarto. (chega perto dela). Então, está combinado? Aqui, nove horas?

TEKLA: Às nove. A culpa é só dele. Eu não consigo acreditar numa traição tão grande de alguém que passa a vida pregando a sinceridade, e insistia tanto para que eu não mentisse. Mas... espere... tem algo aqui que ... como isso é possível? Ele me recebeu muito frio... nem foi me esperar no cais (estação). Depois ele me disse dos jovens com quem eu estava no barco. Aliás, como é que ele podia saber disso? E depois, fez um longo monólogo sobre as mulheres... falou até de você, como quem fala de um fantasma, e terminou dizendo que ia se dedicar à escultura, que era a arte do futuro, como você dizia, antigamente.

GUSTAVO: Sério?

TEKLA: Sério!?!? (olhando fixamente pra Gustavo) agora eu começo a entender... você é um miserável, um sem-vergonha. Você veio aqui só pra ferir o pobrezinho, cravar suas garras no coração dele. Foi você que sentou no divã, que convenceu que ele tinha epilepsia, que deveria enfrentar uma longa abstinência, e foi você também que fez com que ele se mostrasse forte e viril, e se revoltar contra sua própria mulher. Ah, foi você! Quanto tempo faz que você está aqui?

GUSTAVO: Faz oito dias.

TEKLA: Foi você então que eu vi no barco?

GUSTAVO: Foi sim. Fui eu.

TEKLA: E você achou que iria me reconquistar?

GUSTAVO: Não só achei, como já consegui.

TEKLA: Ai é que você se engana...

GUSTAVO: Não, não me engano.

TEKLA: Você se aproximou do meu marido igualzinho um lobo que se aproxima do cordeiro. Você já estava planejando destruir minha felicidade, e você fez de tudo pra conseguir. Ainda bem que eu consegui enxergar isso a tempo!

GUSTAVO: Não é bem assim como você diz. As coisas aconteceram de outro jeito. Claro, eu queria a tua desgraça, secretamente. Mas eu tenho muito mais o que fazer do que ficar perdendo tempo com intrigas. E foi quando, por um acaso, eu te vi no barco, junto com aqueles jovens... então eu tive a idéia de investigar o que estava acontecendo com vocês dois. Eu vim então pra cá, e o teu cordeirinho inocentemente se meteu na boca do lobo. Eu me fiz de simpático, provoquei algumas reações nele... no começo tive pena, porque ele se encontrava na mesma situação que eu me encontrava ha alguns anos. Mas o idiota quis reavivar a minha velha ferida – o teu livro, sabe? – e eu senti uma vontade imensa de esquartejar o coitado em muitos pedaços... e posso dizer que já consegui isso, devido ao magnífico trabalho que você tinha feito. Depois disso, só me faltava cuidar de você, porque você era a mola do mecanismo que eu precisava destruir...

Quando eu entrei aqui pra falar com você, eu não sabia o que dizer, ainda bem. Eu tinha muitos planos, como um jogador de xadrez, mas a tática ia depender da maneira como você colocasse suas peças no tabuleiro. Uma jogada puxa outra jogada, e a sorte estava do meu lado, e agora eu tenho você bem presa.

TEKLA: Não se engane...

GUSTAVO: Sim, você sabe que eu estou certo. Até porque aconteceu o que você mais tinha medo: a sociedade – representada por aquelas duas senhoras que nos viram – conseguiu enxergar de que maneira você se reconciliava com o teu primeiro marido, como voltava, arrependida, aos meus braços caridosos. Isso é mais que o suficiente, né?

TEKLA: Sim, pra tua vingança pode até ser. Mas me diga, já que você pretende encarnar a inteligência e a justiça, nós não somos livres dos nossos próprios atos?

GUSTAVO: (corrigindo) não somos livre, até um certo ponto.

TEKLA: É a mesma coisa.

GUSTAVO: Claro que não.

TEKLA: Então me diga, por que é que você me considera uma inocente, se foi a minha maneira de ser e um monte de circunstâncias que me forçaram a fazer o que fiz? Você acha que tem o direito de se vingar?

GUSTAVO: Justamente pela mesma razão: o meu jeito e as circunstâncias é que me forçaram a me vingar. Não é um jogo

justo? E sabe porque vocês sempre estavam perdendo durante o combate? (Tekla olha com cara de desprezo) porque eu sou o mais forte e o mais inteligente. Você é que foi estúpida, e ele também. Você viu que não são só as pessoas que escrevem romances ou pintam quadros que são espertas. Nunca esqueça disso...⁴

TEKLA: Você tem um coração de pedra.

GUSTAVO: Tenho sim. É por isso mesmo que sou capaz de pensar e agir, como você acabou de ver.

TEKLA: E tudo isso porque eu ofendi teu amor-próprio.

GUSTAVO: Não foi só por isso, apesar de ser um ponto muito fraco.

TEKLA: Você é um nojento. Um miserável cheio de raiva.

GUSTAVO: E você é uma miserável sem-vergonha. Eu também tenho nojo de você.

TEKLA: Esse é o meu temperamento.

GUSTAVO: Quem é você pra dizer algo sobre temperamento? Você tem que estudar o dos outros, antes de poder expandir o seu.

TEKLA: Você não consegue me perdoar.

GUSTAVO: Aí você se engana. Eu já te perdoei.

TEKLA: Você? Me perdoou?

GUSTAVO: Mas é claro! Por um acaso eu ameacei vocês de alguma forma durante todos esses anos? Não! Mas, foi só eu chegar aqui e a sua união se acabou. Eu fiz alguma censura? Algum sermão, uma lição de moral? Também não. Eu só provoquei de leve o teu marido, e foi o que bastou pra destruir aquela pessoa. Mas por que eu estou me justificando, se eu não sou o acusado? Não tem nada a dizer?

TEKLA: Nada. Absolutamente nada. Os cristãos dizem que é a Providência Divina que guia nossa ações, outros dizem que é o destino. Mas, nos dois casos, não somos todos inocentes?

GUSTAVO: Acho que sim, até certo ponto. Mas depois existe a culpa, a dúvida, e mais cedo ou mais tarde, os cobradores aparecem. Somos inocentes sim, mas ao mesmo tempo somos responsáveis. Inocentes perante Aquele que não existe, em quem não acreditamos mais. Responsáveis diante dos outros e de nós mesmos.

TEKLA: Então você veio me cobrar?

GUSTAVO: Venho pra pegar o que você me roubou, e não o que eu te dei. Você me roubou a honra, e eu só poderei ter minha honra de novo se eu tirar a sua. Não é assim que as coisas funcionam?

TEKLA: A honra... e agora, está contente?

GUSTAVO: (pausa) Estou. Estou bem satisfeito. (toca a campainha, chamando o criado)

TEKLA: Vai voltar pra sua noiva?

GUSTAVO: Não tenho noiva, e nunca vou ter. também não vou pra casa, porque não tenho uma e nem quero ter. (o criado entra) traga-me a conta, vou pegar o barco (ônibus) das oito. (o criado sai, discretamente)

TEKLA: Não vamos fazer as pazes?

GUSTAVO: Fazer as pazes! As palavras já perderam o sentido. Fazer as pazes como? Vivendo os três juntos? Era você que devia ter tomado a iniciativa de uma reconciliação, reparando o mal que fez, mas você não foi capaz nem disso. Durante toda a tua vida, você só tirou o que os outros tinham. E o que você podia devolver? Nada! Você consumiu com tudo! Você ficaria satisfeita se eu te dissesse "me perdoe por você ter partido meu coração, me perdoa por você ter tirado minha honra, me perdoa por ter te tirado da tirania dos teus pais, dos grilhões da ignorância e da superstição, por ter te dado o governo da minha vida, por ter te dado uma boa situação, por ter feito de você uma mulher ao invés da criança que você era? Me perdoa por que você destruiu a minha vida? Me perdoa como eu te perdôo. As nossas contas estão encerradas. Estamos quites. Vai agora fazer o mesmo com o outro.

TEKLA: Onde ele está? O que você fez com ele? Onde ele está??

GUSTAVO: Eu não fiz nada pra ele. Porque você está desconfiando de mim assim? Você ainda o ama?

TEKLA: Ainda.

GUSTAVO: E eu? Agora há pouco você jurava me amar, estava dizendo a verdade?

TEKLA: Sim, toda a verdade.

GUSTAVO: Então, sabe o que você é?

TEKLA: Você me despreza...

GUSTAVO: Não tenho pena de você mesmo... pobre Tekla. É estranho... embora inocente, me quase arrependido... como você. Mas ao mesmo tempo seja bom que você sinta o que eu senti há uns anos. Você sabe onde está o seu marido?

TEKLA: Acho que sei. Ele está na varanda, no teu quarto, ali do lado. E viu tudo. E ouviu tudo! Ah meu Deus...
(Adolfo surge da varanda mortalmente pálido. Um fio de sangue cai de seu rosto. Ele está imóvel, os olhos sem expressão. Uma baba grossa na boca.)

GUSTAVO: (num sobressalto) aí está ele. Agora acerta as tuas contas com ele, vamos ver se ele é tão generoso como eu sou. Adeus! (vai sair pela direita, mas no meio do caminho pára)

TEKLA: (vai ao encontro de Adolfo, de braços abertos) Adolfo! (Adolfo cai morto no chão, Tekla o abraça, e o acarícia). Adolfo! Meu amor! Você está vivo? Fala comigo, fala qualquer coisa, por favor! Me perdoa, querido, me perdoa... irmãozinho, me responde! Você tá me ouvindo? Meu Deus, ele não está me ouvindo! Está morto! Meu Deus, Deus de misericórdia, vem em nosso auxílio! Vem! Vem!

GUSTAVO: É surpreendente... Ela também o ama! Pobre mulher...

FIM